



O DESFECHO SOCIAL NO CONTESTADO

Elivelton de Almeida Jonko¹

Teodoro Hanicz²

RESUMO: Estas reflexões têm por objetivo apresentar o desfecho social e político na região do Contestado. Ao analisar como ocorreu o conflito do Contestado, podemos constatar que foi um movimento que se originou de vários fatores, tanto econômicos como sociais, políticos e religiosos. Porém, mais do que isso, veremos o homem do Contestado, este sertanejo componente de uma sociedade que, quando se viu ameaçado, procurou refúgio nas profecias dos monges. E assim podendo destacar o movimento do Contestado como sendo um movimento social, dotado de características próprias, na primeira e segunda década do século XX, que ocorreu entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, envolvendo a população sertaneja que vivia no interior catarinense e no sul do território paranaense, ainda, as forças de segurança estaduais, o exército republicano e os vaqueanos.

PALAVRAS-CHAVE: Contestado; Monges; Messianismo; Paraná; Santa Catarina.

Contestado provem da palavra “*Contestar*”, mas contestar o que? Levando em consideração que contestar significa contrariar, reclamar; Contestado fica sendo uma região cuja pertença se discute ou se disputa, uma área de litígio. Este termo é usado para caracterizar a área de 48 mil quilômetros quadrados, disputada politicamente e judicialmente entre os estados de Santa Catarina e Paraná.³ A história do Contestado é, ainda, uma história em construção. O Contestado foi um movimento social, dotado de características próprias e de uma racionalidade específica.

A definição de Contestado assumiu um sentido polissêmico, ou seja, com mais de um significado. O uso deste termo se reveste de maior importância, dada à necessidade

¹ Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Dr. Teodoro Hanicz. E-mail: eliveltonalmeida.jonko@hotmail.com

² Doutor em ciências da religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e de teologia no Claretiano – Centro Universitário. E-mail: hanicz@terra.com.br

³ TONON, Eloy. (Org.). 2012- *Centenário do Movimento do Contestado*. União da Vitória: Kayganguê, 2012, p. 05.

imperiosa de compreender a complexidade do termo, nos vários significados temporais e espaciais. O Contestado só existe como fato histórico-social, porque foi eleito como tal. Cada narrador, ou analista do conhecimento, construiu uma imagem sobre o Contestado. Imagem sempre vinculada a visões de mundo e questões teóricas específicas, próprias de seus tempos e lugares.⁴

Entre a variedade de denominações, nas quais está imbricado o vocábulo “Contestado”, destaca-se, no que seria a denominação mais adequada, o “*Movimento Messiânico do Contestado*”, usada pelo historiador Paulo Pinheiro Machado, ao qual alude-se ao papel da crença da religiosidade popular e o catolicismo rústico dos sertanejos existentes na região.⁵ Para compreender o desfecho da região do Contestado, devemos conhecer esta mesma comunidade desde os seus aspectos históricos, geopolíticos, sociais, econômicos e culturais.

Questões de ordem econômica e política, assim como a questão das fronteiras entre os estados de Santa Catarina e Paraná, influenciaram decisivamente na guerra do Contestado. Tal episódio bélico que deixou cicatrizes profundas na alma e na cultura cabocla do sul do país.

1. O povoamento da região do Contestado

O termo “Contestado” remonta a meados do século XIX quando teve início a disputa dos limites territoriais entre os Estado de Santa Catarina e Paraná. Tal disputa só foi concluída em 1916, ano que foi assinado o acordo definitivo sobre os limites entre os dois Estados. Foram 48 mil quilômetros quadrados de terras disputados, que compunham o território denominado Contestado.⁶

O povoamento desta região é um tanto controverso, pois, há pouca documentação. Porém, sabe-se que desde o início do século XVI, alguns viajantes europeus percorreram a região do planalto catarinense, mas ninguém deixou marcas significativas.⁷ Foi a partir do século XIII, com o ciclo do ouro, em Minas Gerais, que novos caminhos foram abertos e, sertões antes praticamente desconhecidos, começaram a ser habitados. Cavalos, mulas

⁴ Ibid., p. 05.

⁵ Ibid., p. 05-06.

⁶ LIMA, Soeli Regina; Tonon, Eloy. *Contestado: a hermenêutica da fotografia*. Rio de Janeiro: Kayganguê, 2012, p. 14.

⁷ OLIVEIRA, Beneval de. *Planaltos de frio e lama: Os fanáticos do Contestado, o meio, o homem, a guerra*. Florianópolis: FCC, 1985, p. 43.

e principalmente os gados bovinos do Rio Grande do Sul começaram então a ser transportados para a feira de Sorocaba, em São Paulo. Com isso abriu-se o “Caminho das tropas”, também chamado “Caminho Viamão-Sorocaba”.⁸

Além dos indígenas Kaingangs e Xoclungs da família Jê e os Guaranis, que até recentemente não eram computados nas pesquisas demográficas, a maioria do povo que habitava a região, até meados do século XIX, era de caboclos, provindos principalmente da miscigenação entre indígenas destas comunidades, negros, portugueses-paulistas e espanhóis já radicados na Argentina, Uruguai e Paraguai, entre outros.⁹ Também, devido aos vários dias que demorava a viagem dos tropeiros que cruzavam esta região, estes tinham seus lugares de pouso e descanso em diversos pontos do caminho das tropas. Estes lugares, aos poucos, foram se transformando em vilas e cidades, pois, além de serem pontos onde faziam certos negócios, também, aos poucos, eram locais onde os tropeiros iam construindo novas proles. Somente a partir de meados do século XIX é que começaram a chegar na região as primeiras famílias de origem alemã, italiana, polonesa, ucraniana, entre outras.

Até o final do século XIX, poucas cidades haviam se desenvolvido. O primeiro processo de “invasão” das terras da região se deu com o estabelecimento de grandes fazendas de criação de gado, onde cada uma contava com algumas famílias de caboclos que eram denominados de peões, por serem responsáveis pela fazenda. Estes, além de cuidar do gado do fazendeiro ou do coronel, conforme caso, também tinham o encargo de impedir a entrada de possíveis intrusos ou invasores na área ocupada, assim como expulsar antigos posseiros ou moradores da área e colher erva-mate.

Estas fazendas foram se instalando à custa da violência contra os antigos habitantes da região. Estas fazendas, para se estabelecerem, dependiam de um bom número de pessoas preparadas para defende-las. As primeiras grandes fazendas instaladas na região do Contestado estruturavam-se sob um sistema de extermínio dos antigos moradores ou de servidão e compadrio. Talvez por consequência disso, alguns monges, místicos ou profetas, que passaram pela região, entre eles destacaram-se João Maria e José Maria, logo pegaram fama. Eles levantaram a autoestima do povo, valorizando suas maneiras de pensar e agir, acrescentaram a isso novas reflexões, questionaram suas ambiguidades ou contradições, denunciaram as injustiças e fomentaram a esperança de que a realidade presente não tem a última palavra e que é possível construir ou ao menos sonhar com um

⁸ Ibid., p. 43-44.

⁹ Ibid., p. 45.

mundo fraterno, solidário, respeitoso da natureza e pacífico.¹⁰ Os monges¹¹ apontaram ao povo para uma “monarquia teocrática” a ser resgatada e defendida. Esta era sonhada como reino de amor, paz e justiça que nos espera no horizonte. Junto a este sonho foram crescendo, na consciência popular, os valores éticos e religiosos, tais como: insubmissão, resistência, não violência e anti-servidão.¹²

Até meados do século XIX, havia praticamente um único caminho que atravessava o Estado de Santa Catarina, a famosa rota entre Rio Grande do Sul e Sorocaba-SP. E em detrimento das comunidades indígenas e expansão da pecuária, iniciou-se o processo de colonização.

Há que se considerar o fator do mandonismo local¹³, relacionando-o à passagem do império para a república quando afirma que a república serviu para ampliar e reforçar o domínio e o poder dos coronéis, que, já no tempo da colônia, eram os que dominavam as terras e a política. No império, as oligarquias, organizadas e articuladas através dos partidos políticos, conseguiram certa estabilidade e garantia de continuidade do seu poder, agora por intermédio do comando político municipal e estadual, e satisfação dos seus interesses de grupo ou de família.¹⁴

Com a autonomia concedida às antigas províncias, todo um conjunto de decisões político-administrativas foi transferida para as instâncias estaduais e municipais. Isso levou a uma canalização dos conflitos, a nível regional, as lutas violentas e radicais¹⁵. Com o advento da República o poder dos chefes locais começa a ser cada vez mais utilizado como instrumento de poder público, encarnado pelas oligarquias estaduais ou indiretamente pelas empresas nacionais e estrangeiras envolvidas na implementação de projetos econômicos.

¹⁰ TOMAZI, Gilberto. *Mística do Contestado: mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado*. Xanxerê: New Print, 2010, p. 17.

¹¹ O termo “monge” é sinônimo de andarilho que peregrina solidariamente procurando ensinar as pessoas os “caminhos da salvação”. Além disso, ele deve curar doenças utilizando ervas, águas e outros elementos da natureza. Porém, institucionalmente falando, o termo monge é inadequado para qualificar tal sujeito, já que o monge deve ser membro de ordem religiosa. Mas foi tradição que ficaram conhecidos desta maneira, comprovando que o povo, apesar de dialogar com a cultura da igreja, detinha de fato as prerrogativas para criar seus santos.

¹² TOMAZI, Gilberto. *Mística do Contestado: mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado*. Xanxerê: New Print, 2010, p. 17.

¹³ “Mandonismo” é um brasileirismo que quer dizer “autoridade política”, sendo o “mandonismo local” um tipo de autoridade social que se baseava, na maioria dos casos, no poder econômico e militar de figuras políticas locais. Foi, por exemplo, o mandonismo local a base do poder dos “coronéis”, latifundiários que comandaram o Brasil durante a República Velha, promovendo fraudes eleitorais sistemáticas, sendo um tipo de poder que se baseava não na legitimidade ou na razão, mas na força.

¹⁴ MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século- Um estudo sobre o surto Milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 23-24.

¹⁵ *Ibid.*, p. 24.

Nos primeiros anos do século XX houve grande clima de negociações, de benefícios à chefes políticos situacionistas e coronéis locais e estaduais, surgem algumas companhias com projetos de colonização, exploração florestal e de construção ferroviária. Entre as ferrovias construídas, destaca-se a *Brazil Railway Company*, ligada ao Grupo Farquhar, dos Estados Unidos da América que, em 1908, recebeu, do presidente Afonso Pena, a concessão da construção da Estrada de Ferro São Paulo- Rio Grande, no trecho que liga Porto União da Vitória à Marcelino Ramos.¹⁶

Em 1911, surge uma filial desta empresa, a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, que compra 180 mil hectares de terra em área de jurisdição contestada. A expulsão dos ocupantes, tidos como intrusos, é executada e a moderna exploração madeireira instalada, arruína os pequenos produtores locais e leva à falência as pequenas serrarias locais.¹⁷ Esta, além de não trazer qualquer vantagem para os habitantes do Contestado, ainda procurou iludi-los de que traria o progresso e o bem-estar para todos.

Traçando uma linha que passa entre os municípios de Palmas, União da Vitória, Rio Negro, Lages, Curitiba e Campos Novos, abrangendo cerca de 28 mil quilômetros quadrados, terça parte do atual Estado de Santa Catarina, região do meio oeste e planalto norte, abrangendo também uma parte do Sul do Paraná, foi a região onde ocorreu, na segunda década do século XX, um dos conflitos sociais mais sangrentos da história do Brasil. Calcula-se que em 1910 havia nesta região cerca de 50 mil habitantes, sendo que destes, afirma-se que entre 3 a 10 mil foram mortos.¹⁸ Muitos mortos eram enterrados em grandes valas ou queimados em fogueiras.

1.2. A revolta dos caboclos

Como vimos, o Contestado tinha uma longa tradição de lutas armadas. Às lutas de expulsão dos índios e as lutas da Revolução Federalista vinham juntar-se as lutas entre os chefes locais. A possibilidade de um conflito de maior envergadura devido à questão dos limites de cada Estado levava os coronéis locais a ter sob sua influência o maior número possível de homens preparados para o combate, dando à religião um equilíbrio instável. Mas é a partir de 1908 que a situação de instabilidade se agrava, com a introdução de empresas capitalistas na região, principalmente uma empresa construtora da estrada de

¹⁶ Ibid., p. 31.

¹⁷ Ibid., p. 31.

¹⁸ THOMÉ, Nilson. *Sangue, suor e lágrimas no chão do contestado*. Caçador: Universal, 1992. p.99.

ferro, de colonização e de forte extração de madeira, ligadas a um grupo norte-americano que obtinham concessões de terra na região com a condição de instalarem ali formas modernas de produção econômica.

A coluna vertebral, que fez surgir e deu continuidade à guerra do Contestado, não foi tão somente a existência de uma classe empobrecida, vivendo numa situação de semiescavidão, também não foi o fato de terem passado pela região alguns monges ou profetas. Trata-se de uma opção preponderantemente política, coronelista e empresarial que, para acumular mais lucros e poder, achou por bem fazer uma “limpeza” da área.¹⁹

Além de juntar coronéis e vaqueanos²⁰ para executar esse projeto, também foram necessários pelo menos quatro anos de intenso trabalho por parte do exército brasileiro, na tentativa de pôr fim à vida, à cultura, à religiosidade e à esperança deste povo pacífico da região. E o principal agente desta obra, parece ter sido a companhia norte americana Southern Brazil Railway, empresa concessionária da Ferrovia São Paulo- Rio Grande. Assim afirma Machado:

Entre 1908 e 1910, houve um violento processo de grilagem no vale do rio do Peixe. A Brazil Railway fez cumprir seu domínio sobre os terrenos devolutos das margens de até 15 quilômetros de cada lado do leito da sinuosa estrada de ferro. O objetivo era preparar este território adjacente para a exploração de madeira e venda de terras a imigrantes [...]. Para obter posse direta desses territórios, habitados por posseiros caboclos e até por posseiros legitimados, ou por proprietários de terra diretamente comprada do estado de Santa Catarina, a companhia valeu-se da força de um contingente armado, comandado pelo coronel Pilhares, antigo oficial da polícia paranaense. Este coronel adquiriu fama pelas violências praticadas na região.²¹

Caso disso era contado por membros da família materna do pesquisador, no qual afirma o ocorrido relatado por Paulo P. Machado. Os mesmos da família Almeida diziam que chegavam nas casas das pessoas dizendo que o governo doou aquelas terras para o grupo da Lumber. Caso não saísse, eles atiravam. E todos esses fatores emergiu no pensamento caboclo um sentimento de revolta.

1.3. Os limites do Contestado

O movimento do Contestado, como foi enfatizado, não pode ser analisado a partir de apenas alguns poucos fatores. Entre tantos outros fatores que compõe a complexidade do

¹⁹ THOMÉ, Nilson. *Sangue suor e lágrimas no chão do contestado*. Caçador: Universal, 1992, p. 100.

²⁰ Vaqueanos é o termo usado para referenciar à milícia armada dos grandes fazendeiros da região.

²¹ MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado*. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 140 e 148. Segundo Machado, o corpo de segurança da Lumber possuía mais de 300 guardas, o que representava na época, um efetivo superior ao do Regimento de Segurança que Santa Catarina possuía, em 1910, que era de 280 homens, espalhados por todo o estado.

movimento tem-se a questão dos limites ou das disputas empreendidas entre os estados de Santa Catarina e o Paraná. Foi realmente um longo período de indefinição e disputas que marcou profundamente a natureza da ocupação demográfica da região e o perfil social e político destas comunidades.

A chamada região “contestada” situa-se entre as províncias de Santa Catarina e do Paraná. Discussões em torno da região já afloraram entre os políticos e parlamentares em 1853, que foi o ano que a comarca de Curitiba foi desanexada da província de São Paulo e elevada à categoria de província Paraná. Por não estarem definidos os limites territoriais entre os estados de SC e PR, agravou-se o conflito quando este último quis firmar posse da região de Lages, Campos Novos e Curitibaanos, que Santa Catarina entendia ser dele. Consequentemente, os catarinenses sentiram-se lesados em seus direitos de fronteira. O estado de Santa Catarina reivindicava para si toda a região situada ao sul do Rio Iguaçu, até a divisa com Argentina, acentuando assim os conflitos, pois Paraná entendia que aquela região era sua.²²

Com a proclamação da República, a disputa se agravou ainda mais ao transformar as províncias em estados, mantendo seus limites ainda indefinidos. A posse reconhecida do Brasil sobre a Argentina em relação à região de Palmas, acirrou a luta no sentido de que cada Estado quisesse para si o seu domínio. Santa Catarina tem sentença favorável em 1904. O Paraná entrou com recurso em 1909 e o ganho de causa foi dado a Santa Catarina e, novo recurso do Paraná foi rejeitado em 1910. Só em 20 de outubro de 1916 é que se chegava ao fim da disputa quanto à questão dos limites, quando os governadores de ambos os Estados assinaram um acordo que dividiu ao meio a região contestada, ficando estabelecidos os limites tais como estão hoje.

Os caboclos do Contestado não tinham qualquer interesse em pertencer a este ou àquele Estado. Entendiam que a vitória ou derrota nesta disputa só traria certos benefícios ou prejuízos às elites ou aos coronéis destes estados. Então sequer manifestaram interesse em defender esta ou aquela proposta. A questão dos limites não era para eles uma bandeira de luta. Esta apenas dá uma noção de como tal região se encontrava na época.

²² Antes de acirrar as disputas por limites entre Paraná e Santa Catarina, já vinha se arrastando desde 1750 com o Tratado de Madrid, as questões limítrofes entre Brasil e Argentina. Em 1881, a Argentina apresenta um reclame internacional pretendendo estender suas fronteiras até o Rio Chopin e o Rio Jangada (onde estava a região das “missiones” e “Palmas”). Apenas em 1903 é que definitivamente foram demarcados os limites, após um laudo favorável ao Brasil, do árbitro, o presidente norte americano Grover Cleveland, em 6 de Fevereiro de 1895. Entre Santa Catarina e Paraná, as terras contestadas somavam 48 mil Km², sendo que somente após encerrada a guerra do Contestado em 20 de outubro de 1916, foi definido que, destas terras, 28 mil Km² ficaria para Santa Catarina e 20 mil Km² ficaria para o Paraná.

Por parte dos governantes, o abandono da região era total. A questão dos limites entre Paraná e Santa Catarina, até o início da república, parecia não ter grande importância. A expansão das grandes propriedades de criação de gado e a conquista das matas com ervais nativos não dependiam da definição destes limites. Isso torna-se mais evidente na medida em que entre os chefes locais e as oligarquias estaduais criam laços de dependência recíproca para a defesa de seus interesses e os de suas clientelas políticas. Com o propósito de ir definindo os limites e firmar a jurisdição, as autoridades dos estados, ao promoverem a fundação de vilas, legalizarem posses e concederem terras a correligionários e empresas, nas áreas litigiosas²³, também forneceram armas, que foram, posteriormente, utilizadas na guerra.

A tensão social na região limítrofe entre os Estados do Paraná e Santa Catarina transformou-se em guerra, quando combinada, num mesmo processo, a disputa pelo território entre estes Estados, o questionamento dos poderes locais e a ação de companhias estrangeiras na ocupação das terras e na exploração da madeira. Toda a insatisfação foi canalizada através da figura do “Monge”, símbolo da religiosidade popular.

1.4. As terras de ninguém

Enquanto os acontecimentos relacionados às questões de disputas entre Santa Catarina e Paraná não se resolviam, aos poucos a região ia sendo ocupada.²⁴ O desbravamento partia das fazendas de criação de gado da região de Lages, Campos Novos e Curitiba e, mais ao norte e oeste, dos campos de Guarapuava e Palmas. Os grandes latifundiários embrenhavam-se pelo sertão e ocupavam regiões mais afastadas. A terra, antes do Contestado não tinha grande valor comercial, não era vendida ou comprada, era somente ocupada. Chegando em um lugar desabitado, abria-se uma clareira na mata, plantava-se uma roça, construía-se uma pequena casa e ali se estabelecia. Normalmente, ao redor desta, se estabeleciam pequenos agrupamentos e comunidade. Até então poucos

²³ TONON, Eloy. *Ecos do Contestado*. Palmas: Kayngangue, 2002, p.29, fala que “o apoio e recrutamento de vaqueanos era comum na zona conflagrada.

²⁴ MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado*. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 58-59.

pensavam em documentar a terra²⁵ que ocupavam, outros sequer sabiam da necessidade e importância de fazê-lo, os indígenas sequer imaginavam existir tal necessidade.²⁶

De qualquer forma, uma vez estabelecidos, passavam a sentir-se pertencentes aquelas terras, donos de si e de seus bens. Com a abertura da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande, o governo da República cedeu o direito de colonizar e explorar 15 km de terra de cada lado da estrada, à empresa Brazil Railway Company.²⁷ A empresa, de imediato, desalojou todos os moradores que estavam em sua faixa, e em muitos casos também fora dela, e depois vendeu para os imigrantes. Os caboclos desalojados não tinham a quem recorrer nem a quem reclamar quaisquer indenização, pois o governo “desconhecia” a sua existência na área.

A economia da região girava basicamente na pecuária extensiva de gado e extração da erva-mate. Na criação de gado, as grandes fazendas não tinham fronteiras fixas, apenas acidentes naturais empunhavam certos limites para a pecuária. A garantia de propriedade dava-se mediante a posse da terra e a força. Até então, a terra era, para os indígenas e caboclos, “um bem comum” e para os latifundiários era “terra de ninguém”.

Um dos fatores principais dos conflitos era a terra. O próprio capitão Matos Costa que na época era responsável para guarnecer a região de Canoinhas e União da Vitória, afirmou que “a revolta do Contestado é apenas uma insurreição de sertanejos espoliados das suas terras, dos seus direitos, da sua segurança”. Ele afirmou também que o problema estava na ignorância, na falta de instrução e de justiça.²⁸

Para a efetivação destes latifundiários, muitos pequenos posseiros e comunidades de nativos foram aos poucos sendo dizimados, despejados ou quando muito sendo contratados como peões, numa condição miserável e num trabalho de semi-escravidão nas fazendas. Essa é uma das razões pelas quais terá desfecho a guerra do Contestado.

Um outro produto importante da economia do Planalto Catarinense, a partir do início do século XX, foi a madeira, especialmente a obtida do pinheiro Araucária Brasiliensis, encontrado em abundância na região. Por conta disso, na segunda metade do século XX, foram implantadas duas grandes e modernas serrarias na região, pelo investidor

²⁵ A Lei de Terras, de 1850, significou uma regularização e também uma restrição do direito à posse da terra. Para esta lei só teria direito à terra quem as comprasse ou legalizasse as áreas em uso nos cartórios, mediante o pagamento de uma taxa à Coroa. A terra passou a ser tratada como mercadoria e o direito a ela se tornou direito de poucos e revolta de muitos. Os mais pobres não sabiam ler, nem eram informados desta Lei, nem tinham dinheiro para efetuar tal legalização.

²⁶ MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século- Um estudo sobre o surto Milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 31.

²⁷ Ibid., p. 31.

²⁸ MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado*. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 73.

estrangeiro, Grupo Farquhar, que tinha interesses no Paraná e estava vinculado à construção da Ferrovia São Paulo-Rio Grande. Somente a serraria de Três Barras-Southern Brazil Lumber and Colonization Company, operou normalmente durante a guerra. Ali eram serrados 300m³ de madeira diariamente, somando 1050 dúzias de tábuas, de elevado valor comercial.²⁹ Isso fez com que muitas serrarias de pequeno porte, da região, fechassem. A outra, situada em Calmon –SC foi incendiada pelos rebeldes na Campanha do Contestado. Com a abertura da estrada de ferro, a região começa a ser intensamente colonizada. Além dos empreendimentos da construtora da estrada, diversos empresários obtém do governo enormes concessões de terra para promover a colonização.

Como vimos, a famosa questão do Contestado fez convergir para a região, que lhe serviu de palco, todas as condições de um sistema, que a conjuntura aguçava, tornando inevitável a explosão da guerra, como veremos posteriormente. Coronéis e empresas estrangeiras contra posseiros, os dois governos estaduais, ao mesmo tempo dando cobertura ao capital estrangeiro e entre si disputando a jurisdição sobre a área, de fartos recursos econômicos; o conflito dos interesses ervateiros dos estados de Santa Catarina e do Paraná, rompendo a solidariedade econômica.

1.5. A violência, a resistência cabocla e a explosão da guerra

Na região do planalto catarinense, a população vivia numa realidade excepcionalmente dura. Mortes, execuções e massacres efetuados antes mesmo da guerra, era algo muito comum; especialmente pelos coronéis e os novos proprietários com seus pistoleiros, os jagunços, e com ajuda da força policial dos estados. Não eram poucos os coronéis ou fazendeiros que mantinham escravos em suas fazendas mesmo depois da lei áurea e que inclusive consideravam as filhas e, às vezes, as próprias esposas dos seus agregados como propriedades suas.

No Contestado, diversas formas de violência eram honradas e prestigiadas. Certas formas de violência, especialmente em relação à lida do gado, mas também nas relações sociais entre as pessoas, era sinônimo de heroísmo, virilidade, honradez, superioridade, fortaleza, determinação, coragem, valentia e destreza. O chefe de uma grande família, que

²⁹ QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977. p.74. Diversos pesquisadores afirmam que a serraria de Três Barras SC era a maior da América do Sul; produzindo muito mais do que a totalidade das serrarias ali estabelecidas, esta empresa gerou uma crise para a pequena empresa local.

comandava uma vasta clientela, um coronel ou um vaqueano, era e deveria ser honrado, mesmo que suas posses se fundamentassem na violência expropriadora contra rivais políticos. Para ser um líder não bastava ter ou depender de muitos súditos, era preciso também ser temido e até venerado. Mesmo que fossem extremamente violentos estes grandes proprietários e chefes políticos, apresentavam-se como “agentes do sagrado” e assim queriam ser respeitados.³⁰

Diante da crueldade promovida por estes agentes e também pelo governo republicano que defendia e promovia, somado ao processo de expropriação das empresas de colonização, assim como por sentirem-se violentados de tantas outras formas nos seus direitos e na sua dignidade, os caboclos procurando formas de resistir a tudo isso, agarraram-se às mensagens de São José Maria e São João Maria e, aos poucos, partiram para redutos. Buscavam, não a guerra, mas fundamentalmente garantir direitos, defender a justiça, resistir, implantar uma “monarquia divina”, defender a paz e vingar-se, partindo para a violência armada.

Em entrevista, Tereza Paiva, ex moradora da região do conflito, fala sobre a história de seu ex-sogro que esteve na guerra do Contestado.

Era muito sofrimento, o “Pai Góis” era caboclo, foi adotado por uma família grande e a adoção da época não era como hoje que dão carinho, pegam para cuidar, antes era para ser escrava da família. Na época diziam que estava vindo uma santidade muito grande e que viria para liberta-los e o povo deixou tudo; chegando lá era a guerra.³¹

Como vimos no relato de Tereza, podemos confirmar a forma que o caboclo se deparou com a guerra. Pois, não foi o povo que pegou em arma para defender seus direitos ou para impor seus opressores. Os caboclos constituíam um movimento pacífico e de solidariedade, porém, ao serem atacados pelo exército, estes tentaram esconder-se mata à dentro, tentaram fugir. Mas, por estarem cercados de todos os lados e por não terem mais para onde fugir, em resposta à violência sofrida obrigaram-se a lutar.

Segundo relatos, foram cerca de 20 a 30 mil pessoas que, acreditando obedecer as “ordens superiores”, que vinham do além do primeiro monge São João Maria, se juntaram em diversos redutos.³² Liderados por José Maria, o que viria ser o terceiro monge no qual recebia tais visões dos monges antecessores, os caboclos falavam, agiam, viviam, matavam e morriam em nome de Deus, da Virgem Maria, dos Santos de devoção e dos

³⁰ TOMAZZI, Gilberto. *Mística do Contestado*. Florianópolis: New Print, 2010, p.31.

³¹ JONKO, Elivelton de Almeida. Gravação concedida por Tereza Paiva e família, Três Barras, em 26/01/2020.

³² Ibid., p.33.

monges que por ali passaram, cuja crença de muitos, logo voltariam. E mesmo não estando presentes fisicamente, como mencionado, continuavam presentes em espírito através de visões e mensagens deixadas outrora. Movidos por esta força “transcendente”, armados com facão de madeira e “o peito e a coragem”, enfrentaram cerca de 80% do exército brasileiro, munido com as mais sofisticadas armas da época e inclusive pelo exílio da aviação, usado pela primeira vez na América Latina para esta finalidade.

Esses caboclos, de crianças a jovens, adultos e velho, que lutaram na Guerra do Contestado, foram apelidados de jagunços, no que vale ressaltar que este termo é pejorativo e discriminatório que significa o mesmo que “bandido-capanga” a serviço dos coronéis e fazendeiros. A denominação de jagunço era, antes do Contestado, atribuída aos “pistoleiros” que eram contratados pelos donos das fazendas para matar aqueles que ousassem ocupar ou reocupar as terras de que estes se haviam apropriado. Portanto chamar de jagunço ao caboclo que lutou na guerra do Contestado, é chama-lo de assassino ou bandido. É rebaixá-lo a uma condição de “Gente da pior espécie”.³³ Este termo é utilizado mesmo após a guerra, muitos da região ainda chamam de “guerra dos jagunço”.

O jagunço passou a ser todo aquele que se posicionasse contra a República, o governo, o exército, os coronéis e os colonizadores da região. Persegui-lo, desprezá-lo ou mesmo mata-lo eram considerado como boa ação. A morte do caboclo rebelado, durante e após a guerra, resultou numa “pacificação” da região e num desdobramento do tamanho das fazendas, num campo aberto para a irrestrita exploração da madeira e de outras riquezas existentes na região, por empresas nacionais e norte-americanas, nas concessões de grandes faixas de terras para pagar dívidas ou promover novos fazendeiros e colonizadores na região.

1.6. A guerra

Os indivíduos do Contestado, antes da chegada da ‘modernidade’ sobreviviam de uma agricultura de subsistência, extração da erva mate, serravam madeiras, criavam poucos animais, participavam de festas, procissões e eram seguidores do catolicismo popular dos monges. Os monges foram homens de seu tempo, trazendo mensagens, esperanças, batizando, receitando chás curativos de plantas extraídas do sertão. Foram três os monges que perambularam pela região: João Maria de Santo Agostinho, monge italiano que

³³ Ibid., p.35.

catequisava, batizava e benzia o povo. Até hoje é visto como santo pelos descendentes de caboclos. João Maria, peregrino de provável origem síria, também batizava e fazia curas por meio de plantas. Outro, no qual iremos destacar é o falso monge que se dizia irmão do primeiro: José Maria de Jesus (Miguel Lucena de Boaventura). Fazia benzimentos e dizia receber visões do antigo monge. Utilizava-se do livro “História do imperador Carlos Magno, e os doze pares de França”, no qual organizou 24 homens proclamando assim uma “monarquia celeste.”³⁴

O movimento do Contestado apresenta um marco, no ano de 1912, na região de Campos Novos, aparece o “monge” José Maria. Ele aceitou o convite para comparecer à Festa do Senhor Bom Jesus, que aconteceria no dia 6 de agosto em Taquaruçu. Após a festa, lá permanece cercado de vários sertanejos expulsos de suas terras. Tem o amparo do coronel Henriquinho Paes de Almeida; adversário local do coronel Albuquerque, intendente de Curitiba. O ajuntamento de sertanejos pobres, errantes e doentes provoca sobressaltos no coronel Albuquerque, que solicita intervenção do governo catarinense para dispersar os “monarquistas”³⁵.

O governador Vidal Ramos atende o pleito, envia um Regimento de Segurança do Estado com apenas 30 soldados. José Maria evitou o confronto; atravessando o rio do Peixe, se desloca para os campos de Palmas, na localidade denominada de faxinal do Irani. O governo do Paraná recebe o aviso da presença de José Maria, acompanhado de um pequeno grupo de seguidores. Na leitura das autoridades e imprensa paranaense, a presença de catarinense no local era uma manobra para se apossar de um território, que em pacto anterior entre os dois estados seria jurisdição paranaense, enquanto perdurasse o impasse político, na questão do estabelecimento definitivo de limites³⁶.

É fundamental trazer à tona, a grande movimentação política que transcorria na região do Planalto Norte de Santa Catarina. Região cobiçada pelos dois estados, rica em erva mate nativa e coberta de araucárias. Neste espaço constituíram-se piquetes de vaqueanos, a mando de coronéis e dos dois estados em litígio, objetivando defender seus interesses. Foi criada uma área de forte tensão, violência, usurpações, desmandos. Os crimes faziam parte do cotidiano da população.

³⁴ MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século*. São Paulo: Duas Cidades, 1994. P.10.

³⁵ D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *A República dos Coronéis contra a Irmandade de São Sebastião*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011. p.32.

³⁶ *Ibid.*, p.42.

No mês de abril do ano de 1912, toma posse no governo da Província do Paraná, como presidente do estado, Carlos Cavalcanti. Pretendia o presidente colocar como prefeito de Curitiba um companheiro militar de carreira do exército, Capitão e Engenheiro, João Gualberto Gomes de Sá Filho. Não prevaleceu o desejo do governador, e o escolhido foi o engenheiro Cândido de Abreu. Como recompensa o capitão João Gualberto torna-se o comandante do Regimento de Segurança do estado, ascendendo à patente de coronel, no mês de agosto de 1912.³⁷ O governador incumbe o comandante a organizar uma força e destroçar o ajuntamento do faxinal do Irani. Ele arregimenta 58 homens, bem armados, inclusive de metralhadora, para atacar os sertanejos do monge José Maria. No local denominado Banhado do Irani acontece o primeiro combate da guerra do Contestado. Transcorria o dia 22 de outubro, do ano de 1912, quando sem uma justificativa plausível, não acatando a proposta de mediação do intendente de Palmas, Domingos Soares, o Coronel e seu regimento atacam um grupo de cerca de 200 homens. Morrem no confronto, doze sertanejos e o monge José Maria, mais nove soldados e o coronel João Gualberto³⁸.

O combate do Irani, mesmo com poucos mortos foi trágico e repercutiu não apenas localmente. As elites paranaenses e nacionais passaram a “demonizar” os sertanejos, condenando-os como sendo um grupo de fanáticos irracionais, bandidos e vagabundos. O sociólogo Douglas Monteiro em sua obra, *Errantes do Novo Século* denomina o tempo após o combate de processo de “reencantamento do mundo”, no qual os seguidores de José Maria se estruturam em irmandades místicas ou redutos, criando laços de solidariedade e com significados para uma nova forma de vida. Constituem a irmandade de Taquaruçu que foi atacada em 29 de dezembro de 1913, por forças catarinenses, tropas federais e vaqueanos³⁹. O ataque à comunidade era chefiado pelo secretário-geral do governo de Santa Catarina, deputado Gustavo Lebon Régis. As forças oficiais foram dispersas pelos sertanejos. O segundo ataque a Taquaruçu ocorre em 8 de fevereiro de 1914. Lá havia poucos homens, mais mulheres e crianças. Os homens haviam se transferido para o reduto de Caraguatá. O ataque foi trágico para os sertanejos. Cerca de 700 homens do exército, regimento de Santa Catarina e vaqueanos arrasaram o reduto, mais de 200 casas e a igreja foram destruídas. No dia 9 de março de 1914 acontece o grande ataque ao reduto de Caraguatá, com a vitória dos “pelados”, sob o comando de

³⁷ LIMA, Soeli Regina; TONON, Eloy. *Contestado: A hermenêutica da fotografia*. União da Vitória: Kaygangue, 2012.p.17.

³⁸ D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *A República dos Coronéis contra a Irmandade de São Sebastião*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011. p.42.

³⁹ MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século*. São Paulo: Duas Cidades, 1994. p.19.

Maria Rosa. Ao final do mesmo mês, o reduto foi esvaziado, o tifo estava dizimando a população. Formam um novo reduto, Bom Sossego, ainda sob a condução da liderança de Maria Rosa. Vários redutos menores foram constituídos ao norte, facilmente atacados e destruídos pelas forças oficiais e vaqueanos. O reduto-mor do conjunto encontrava-se sediado em Caçador e Adeodato determina o deslocamento para o vale de Santa Maria, no interior de um desfiladeiro. Para o líder, facilitaria o controle das entradas ao norte e ao sul. A escolha não foi das mais felizes, pois criou facilidades para o exército programar o cerco e sufocar os sertanejos, antes do combate derradeiro⁴⁰.

A chegada da expedição do General Fernando Setembrino de Carvalho, comandando sete mil soldados do exército, juntamente com forças do regimento catarinense e vaqueanos realiza o cerco e o combate final ao reduto. Ruiu a maior irmandade mística, Santa Maria, entre os meses de março a abril de 1915. Na cidade mística de Santa Maria, conviveram muitas famílias, mais de vinte mil habitantes. Após a derrota da fortaleza de Santa Maria restaram pequenos redutos de Pedra Branca e São Pedro, destruídos por militares e vaqueanos. A rendição dos últimos sertanejos se dá em janeiro de 1916. A fase final da guerra e após as últimas rendições de sertanejos ficou conhecida como “açougue”, “gravata vermelha”, “degola”.⁴¹ Muitos sertanejos que se renderam foram presos, outros, degolados e alguns se dispersaram novamente. Foram derrotados, dispersos e mortos os “intrusos” da modernidade, concebida pelas oligarquias republicanas e coronéis.⁴² O território foi colonizado pelos imigrantes europeus, alcançando o objetivo proposto pelas elites, o branqueamento da população do Contestado.

Conclusão

Como visto, muitas foram as causas que levaram o caboclo ao maior conflito armado do Brasil, conflito este que perdurou por mais de quatro anos. Assim mesmo, podemos dizer que, a contra gosto, a comunidade cabocla da região do Contestado entrou na guerra e foi protagonista de uma luta por dias melhores. Porém, apesar da importância de compreendermos o espaço físico, demográfico e social da região mencionada, o que mais importa, aqui, não é responder à questão sobre quem foi ou não sujeito ou vítima da guerra

⁴⁰ Ibid., p.19-21.

⁴¹ LIMA, Soeli Regina; TONON, Eloy. *Contestado: A hermenêutica da fotografia*. União da Vitória: Kaygangue, 2012.p.145.

⁴² Ibid., p.148.

do Contestado e nem mesmo quem tomou a iniciativa de matar ou quem em resposta a isso também partiu para o combate.

As questões sociais da região do Contestado, tal como o caboclo e seu cotidiano sofrido, vimos que as dinâmicas políticas engendradas pelas oligarquias republicanas, objetivando trazer a modernidade para as fronteiras do Contestado atenderam ao capital estrangeiro, imigrantes e coronéis. A pretensa modernidade alcançou os sertanejos de forma excludente, expulsando-os de suas terras e ainda perderam o amparo dos coronéis locais e regionais, que se aliaram às oligarquias estaduais. Passaram a vagar de um lugar para o outro, na busca incessante de alívio para suas inquietudes e agruras. Rememoram aos monges, suas predições, suas rezas, suas palavras de conforto e de esperança para uma nova “monarquia universal”, na qual haveria justiça e harmonia, que a República não lhes propiciou.

Muitos sertanejos, adeptos dos ensinamentos dos monges anteriores, se mobilizaram em sua direção. Tiveram a percepção de que se tratava de outra pessoa e não do monge João Maria de Santo Agostinho, o monge José Maria.

A crença no monge anterior e a efervescência social irão legitimar o novo monge tornando-lhe um novo líder. O monge José Maria adquiriu a fama de grande curandeiro, o que atraiu muitos devotos. As ervas por ele receitadas passam a surgir resultados logo considerados prodigiosos. Muitas pessoas que ouviram sobre tal feito milagroso, até mesmo em regiões distantes, afluíram ao local onde se achava José Maria. Deste modo, o curandeiro começa a ser alvo de veneração. E passa a assumir crescentemente o espaço vazio do monge desaparecido, dizendo não ser o próprio João Maria, mas seu irmão.

Referências

AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: A organização da Irmandade Cabocla*. Florianópolis: UFSC, 1995.

JONKO, Eivelton de Almeida. *Gravação concedida por Tereza Paiva e família*. Três Barras, em 26 jan. 2020.

LIMA, Soeli Regina; Tonon, Eloy. *Contestado: a hermenêutica da fotografia*. Rio de Janeiro: Kayganguê, 2012.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado*. Campinas: UNICAMP, 2004.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto Milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

OLIVEIRA, Beneval de. *Planaltos de frio e lama: Os fanáticos do Contestado, o meio, o homem, a guerra*. Florianópolis: FCC,1985.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

THOMÉ, Nilson. *Sangue, suor e lágrimas no chão do contestado*. Caçador: Universal,1992.

TOMAZI, Gilberto. *Mística do Contestado: mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado*. Xanxerê: New Print, 2010.

TONON, Eloy. *Ecos do Contestado*. Palmas: Kayngangue, 2002.

TONON, Eloy. (Org.). *2012: Centenário do Movimento do Contestado*. União da Vitória: Kayngangue, 2012.